

**Palavras do Doutor Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro ao receber, junto com o
Doutor Wilson Savino, a comenda de**

“*Chevalier dans L’Ordre des Palmes Académiques*”,

das mãos do Cônsul da França, Senhor Jean-Claude Moyret, em 1º de agosto de
2013

Senhor Jean-Claude Moyret, Cônsul da França, em nome de quem saúdo as demais autoridades do Governo Francês, Doutores Paulo Gadelha e Pietro Novellino, Presidentes da Fundação Oswaldo Cruz e da Academia Nacional de Medicina, em nome de quem cumprimento as demais autoridades presentes, Senhoras e Senhores, meus colegas, amigos e familiares.

Pensei em como agradecer, nessa tarde, aos representantes do Governo Francês que nos faz a honra de nos agraciar com o título de *Chevalier des Palmes Académiques*. Em vez de falar sobre tantos temas potenciais que facilmente se relacionariam com essa cerimônia, pensei em falar simplesmente das contribuições da França e dos franceses na moldagem do Cláudio Ribeiro que chegou até aqui hoje nessa cerimônia com vocês.

Pensei, Savino, que uma construção com tantas influências e participações em nossas personalidades e carreiras poderia fazer de nós um mosaico. Lembrei-me, e fui procurar ontem à noite um livro, comprado no tempo de doutorando, sobre “mosaicos genéticos”. Achei, mais ou menos no lugar em que achava que estava, o livro “Gêmeos, mosaicos, quimeras e outros riscos da fecundação humana” de Jean de Grouchy, publicado em 1980 pela Editora Medsi em Paris. “Gêmeos” todos sabemos o que são; “quimeras” muitos também devem saber que são indivíduos formados por populações celulares de dois gêmeos dizigóticos; mas confesso que eu mesmo não lembrava, exatamente, que os mosaicos, ao contrário do que possa parecer, têm sua origem em um único zigoto e resultam de um acidente cromossômico ou gênico, por ocasião da primeira divisão zigótica... complicado demais, melhor me ater ao sentido artístico da palavra grega, considere.

Nossos mosaicos tem componentes inatos, alguma coisa como uma argamassa sobre a qual repousarão os ladrilhos e pastilhas que só expressaremos como resultado da interação do nosso “eu” com o ambiente. Algo que costumamos chamar de vivência, mas poderíamos considerar também como “experiências” ou mesmo “encontros”. Ater-me-ei aqui basicamente aos meus “encontros” com a França e com os franceses. Cito-os na ordem em que ocorreram.

Em primeiro lugar, devo falar do Professor Marc Gentilini, o grande *Patron* da Medicina Tropical Francesa, que me acolheu em seu Serviço, no distante ano de 1977, como interno de especialidade, ao mesmo tempo em que eu fazia o doutorado em Imunologia Parasitária. Gentilini foi sempre um exemplo de integridade, competência, dedicação obstinada ao trabalho e patriotismo; um médico renomado, elegante e extremamente cortês e um homem com grande visão política e gerencial. O Gentilini que corrigia permanentemente meu francês e me tratou durante os seis anos e meio em que estive no seu serviço com respeito e deferência... Nos últimos anos de minha permanência em seu Serviço, tive a honra de participar das reuniões

conhecidas como “*Conseil des Ministres*”, que ocorria religiosamente às quintas-feiras, de nove às onze, antes da concorrida sessão clínica e científica que começou, invariavelmente, às onze horas durante todo o tempo que estive lá. NINGUÉM faltava ao staff. Muitos médicos vinham de fora para assisti-lo. Entre outras coisas, Marc Gentilini presidiu a Cruz Vermelha e a Academia Nacional de Medicina Francesas.

Desenvolvi outros pedacinhos de meu mosaico por minha experiência com o grande e saudoso Professor Charles Salmon. Salmon me acolheu no doutorado em Imunologia na Faculdade de Medicina Saint Antoine e foi meu “Diretor” de tese, como dizem na França. Ele dirigia ao mesmo tempo o *Centre National de Transfusion Sanguine* em Paris e o ensino em Imunologia, Imunohematologia e Imunogenética da *Faculté de Médecine Saint Antoine*. Salmon, falecido em 2010, era um profissional de extrema competência, apaixonado pelo ensino (mais um pedacinho do mosaico) e homem de grande serenidade, sabedoria e preocupação com seu entorno, seus colegas e alunos. Era uma pessoa tão doce e encantadora que foi a única a quem me lembro de ter oferecido o livro “O Pequeno Príncipe”, excetuando-se as minhas filhas, na idade adulta. Denise Salmon, estatística brilhante e sua esposa, enviou-me a foto dele que, enquadrada, tenho na parede de meu bureau.

O Professor Pierre Druilhe era assistente e chefe de trabalhos no Departamento de Parasitologia da *Faculté de Médecine Pitié-Salpêtrière* quando o conheci em 1977. Perguntar-lhe se poderia passar minhas tardes livres da Enfermaria em seu Laboratório foi o suficiente para me contaminar com sua paixão pela pesquisa sobre malária e pelas artes decorativas dos anos 20. Minha mesa de jantar em nó de olmeiro era dele até o início dos anos 80. Depois do Serviço de Gentilini, Pierre foi um *Pasteurien* até sua aposentadoria compulsória quando criou a Vac4all, uma empresa voltada para o desenvolvimento de vacinas. Perseguimos juntos, o sonho do desenvolvimento de uma vacina contra a malária e com essa motivação e esse objetivo, criei a infra-estrutura necessária e obtive recursos de várias fontes nacionais e internacionais para a realização de ensaios pré-clínicos de vacinas em primatas neotropicais, o que venho fazendo na Fiocruz há quase quinze anos. Aqui, mais uma vez, os franceses estão presentes. Estamos recebendo em breve o segundo lote da criação de macacos *Saimiris sciureus* doados pelo *Institut Pasteur de Cayenne* que decidiu há alguns anos fechar seu Centro de Primatologia. Pierre é o principal colaborador estrangeiro nesse projeto. Além de extremo bom gosto, inteligência fora do normal e muito grande conhecimento de malariologia, Pierre é dotado de um dos gênios mais horríveis que já encontrei (o que talvez explique alguns pedacinhos do meu próprio mosaico também).

O quarto ícone de fraternidade, exemplo de competência, grandeza e cidadania é Willy Rozenbaum. Willy, Professor de Medicina Tropical e Doenças Infecciosas e Parasitárias, é homem de inabaláveis convicções políticas, padrão irretocável de comportamento ético e moral e médico de alto padrão técnico e humano. Ele estava também no serviço de Marc Gentilini na época de meu Doutorado e já era o exemplo de didatismo e de pensamento científico claro e criativo na Pesquisa Clínica que segue sendo até hoje. Ele está por trás da descoberta do vírus HIV por ter imaginado, na época, que a Aids podia ser causada por um retrovírus e ter levado um gânglio da fossa poplítea de um paciente afetado pelo que se denominava na época de *Aids Related Complex (ARC)* a Luc Montaigner (hoje Prêmio Nobel pela descoberta do, que se chamou na ocasião de, HTLV3) no *Institut Pasteur*. Willy me recebeu como *Professeur Associé de l'Université Pierre et Marie Curie* em seu

Serviço no *Hôpital Rothschild* de 1997 a 1998 (e várias vezes em sua bela residência na beira do rio Marne) e consolidamos nossa muito fraterna amizade permitindo-me o benefício do convívio com seus cinco filhos : Miriam, Lola, Bahia, Adam e Lou.

O último parceiro e colaborador francês - que opto por citar para representar o, na verdade muito mais vasto painel de pastilhas e ladrilhos que se expressam no mosaico Cláudio Ribeiro - é o meu querido amigo Pierre Ambroise-Thomas. Professor e Ex-Chefe do *Service de Parasitologie e Mycologie Médicale de l'Université de Grenoble*, Pierre foi pioneiro no desenvolvimento e aplicação de testes sorológicos para doenças parasitárias. Junto com Aristides Voller na Inglaterra, foi sem dúvida, o cientista mais citado na sorologia antiparasitária. Trouxe Pierre, quando criei a Reunião Nacional de Pesquisa em Malária em 1986 e Pierre me convidou pouco depois para integrar o *Conseil Scientifique de la Fondation International Laveran*, como - junto com LH Pereira da Silva - o único representante do hemisfério sul. Foi na sede da Fundação em Annecy que soube da existência de um Seminário, para alunos de Parasitologia, que deixou de existir pouco tempo depois e do qual nunca participei, mas que serviu de inspiração para criar, com Fátima Cruz, os Seminários Laveran & Deane (SL&D) que este ano completam 18 anos de existência.

Florence, há uma história que nunca lhe contei. Porque, na época, Pierre Druilhe e eu tínhamos um projeto financiado pela Comunidade Econômica Européia com um parceiro italiano, chamei o segundo Seminário de Seminário Laveran / Grassi para homenagear Giovanni Battista Grassi, um dos descobridores do ciclo do *Plasmodium* no mosquito *Anopheles*, e fomos bater à porta do Consulado da Itália. Efusiva acolhida... e nenhum dinheiro. Com o falecimento de Charles Merieux, patrono da Fundação Internacional Laveran, os recursos daquela fonte minguaram até desaparecer, ao mesmo tempo em que o apoio do Governo Francês, financiando a participação de três professores no Seminário, se consolidava a partir de 2001. Pierre Ambroise-Thomas, um dos criadores do Seminário francês (junto com outro amigo e também colaborador Daniel Camus, parceiro em um projeto INSERM/CNPq e depois INSERM/Fiocruz, citado em documento do INSERM como colaboração modelar) é Professor cativo e entusiasta colaborador do SL&D desde há muitos anos. Foi por influência de Pierre que eu trouxe para o Brasil a 4ª edição do Congresso Internacional de Malária e Babesioses em 1991. Por sua sugestão, candidatei-me ao cargo de *Professeur Associé à la Faculté de Médecine Saint Antoine*, a mesma onde me doutorara 20 anos antes, e tive meu nome aprovado em quarto lugar em toda a França pelo Conselho Nacional das Universidades. Fui parceiro de Pierre na Iniciativa Impacto Malária, presidida por ele e promovida pela Sanofi-Aventis com os objetivos de promover o ensino em malariologia e facilitar o acesso de populações desassistidas aos medicamentos anti-palustres. Integrei, por sua recomendação, a Federação Internacional de Medicina Tropical como Tesoureiro em 2001, depois Secretário Geral em 2005, até tornar-me seu Vice-Presidente e Presidente Eleito em 2008, cargo que assumi em 2012. Tornei-me um dos quatro brasileiros vivos membros da *Académie Nationale de Médecine* na França. Pierre, por proposição de JR Coura, se tornou membro honorário da Academia Nacional de Medicina do Brasil no mesmo ano. Acho que foi através de minha amizade com Pierre que aprendi a reconhecer a fraternidade mais compromissada, leal e devotada da qual os homens se podem beneficiar. Pierre está atualmente doente e não pode sequer estar presente no *XVIII International Congress for Tropical Medicine and Malaria* que, também por sua influência, trouxe para o Brasil e JR Coura e eu presidimos no ano passado.

Após 36 anos de história com a França, quase 30 missões técnicas realizadas naquele país desde meu regresso ao Brasil, nove projetos franco-brasileiros financiados, troca de estudantes e pesquisadores, financiamentos e publicações conjuntas, organização de e participação em vários eventos, só posso considerar que a França é também o meu País. Vê-la reconhecer-me como humilde e devotado parceiro, enche-me o peito de orgulho e o coração de alegria. Então agradeço, encantado e comovido às autoridades do Governo e da Diplomacia Francesa, aqui presentes, que materializam esta grande honra. Em primeiro lugar ao Senhor Jean-Claude Moyret, Cônsul Geral da França no Rio de Janeiro, pela entrevista agradabilíssima e por suas palavras simpáticas, generosas e bem-humoradas e à Florence Puech, exemplo de dedicação eficiente à diplomacia francesa no nosso país, como já dito aqui pelo Senhor Moyret. Florence constituiu o meu dossiê e o de Wilson Savino e é, portanto, a responsável direta pelo o que está ocorrendo aqui hoje. Foi durante o XVII Seminário Laveran & Deane em novembro de 2012, que Florence anunciou-me que o Primeiro Ministro Francês havia assinado em 14 de julho daquele ano, o decreto nos outorgando o título que recebemos nessa tarde. Florence lutou por meses com a Embaixada em Brasília para que as insígnias chegassem ao Rio de Janeiro. Eu respondia à mensagem de 20 de abril, em que se anunciava que isso finalmente havia ocorrido, dizendo que esperava que meu pai, gravemente enfermo por dengue, pudesse estar presente, quando um telefonema me avisou do seu falecimento. Florence e Savino foram, portanto, os primeiros a saber disso.

Como o ritual e a honraria são franceses, eu não queria nem devo me alongar nos agradecimentos aos que não o são, mas não posso deixar de manifestar rapidamente minha gratidão a todos aqueles que influenciaram a expressão do mosaico Cláudio Ribeiro. Penso em Bernardo Galvão, primeiro chefe do Departamento de Imunologia do Instituto Oswaldo Cruz, que me acolheu em 27 de dezembro de 1983 no IOC, aos Presidentes da Fiocruz e Diretores do IOC nas pessoas do Paulo Gadelha e do Wilson Savino, para representar os tantos que contribuíram para a grandeza de nossa Instituição e apoiaram nosso trabalho, os Presidentes e Diretores das agências de fomento à pesquisa, sem as quais nenhum trabalho seria possível e às quais agradeço na pessoa de Ruy Marques, Presidente da Faperj, também aqui presente, aos coordenadores do Programa Nacional de Controle da Malária que acredita, estimula e protege nosso trabalho como Centro de Referência para Malária na Extra-Amazônia, nas pessoas de José Lázaro de Brito Ladislau e Ana Carolina Santelli Silva. À maravilhosa, coesa e produtiva equipe do Laboratório de Pesquisas em Malária do IOC, a quem agradeço nas pessoas de Fátima Cruz e Claudia Castro e a todos aos nossos parceiros do Centro de Pesquisas, Diagnóstico e Treinamento em Malária da Fiocruz, a quem agradeço nas pessoas de Graziela Zanini, Ricardo Lourenço e Patrícia Brasil.

Sem dúvidas, é de minha família que trago mais pedacinhos do mosaico que me constitui. Foi por herança genética, é claro, mas, sobretudo, por exemplo e influência de meus pais e avós que me estruturei para fazer o caminho que venho fazendo em minhas vida e carreira. Minha mãe, exemplo de amor e tolerância, meu pai, exemplo de dedicação ao trabalho e inteligência. Convivi pouco com minha avó materna, mas dos paternos me lembro bem do dentista bem-humorado e trabalhador, obstinado com a idéia de sobreviver às peças que a vida tentou lhe pregar, tirando-lhe pai e mãe precocemente. Tratou-me com carinho e respeito, que me fizeram bem à alma, até a sua morte aos meus quatorze anos. Minha avó cuidou de mim e de meus,

na época três, irmãos enquanto papai e mamãe trabalhavam. Teve, sobretudo, imensa paciência com nossas artes e peraltices.

Mamãe se foi em 2005 e papai há cem dias. Deixam-nos a orfandade absoluta, uma lacuna que nunca mais se preencherá e o enorme desafio de uma nova vida, não mais como filhos, mas como irmãos, pais e avós.

Meus irmãos compuseram seus mosaicos enquanto eu compunha o meu, profundamente influenciado por todos eles. O engenheiro Marcus Tadeu, historiador estudioso e docente apaixonado, minhas duas irmãs Cássia Maria e Regina Aparecida, as arquitetas da família, heranças vivas do amor de minha mãe e exemplo de generosidade e conciliação, e meu irmão caçula, o médico ginecologista / obstetra Ayrton Filho, empreendedor como papai e herdeiro do recato elegante de mamãe. É com eles que compartilho ainda inseguro, mas otimista, o desafio de uma nova vida em irmandade sem nossos pais. Mana, Regina, Marquinhos e Ayrton... difícil né ?

Tem mais uns últimos pedacinhos; os mais coloridos, ternos e delicados, uma mistura de água de rosas, *crème brulée*, sorvete de doce de leite, morango com chocolate, cheiro de figo e de baunilha... minhas três princesas Carolina, Mariana e Maria. Lindas, queridas, suaves, companheiras, amigas... que dão brilho e viço a todos os pedacinhos do conjunto mal humorado e atarefado do meu mosaico. Aos meus netos Lucca, Manoela e Pedro, às promessas de vida e de futuro que trazem, meus pedacinhos de alegria e esperança. À Beth, minha primeira mulher, amiga, e mãe de Carolina e Mariana, obrigado pelas pastilhas de otimismo, serenidade e de certeza de que sempre é possível uma boa maneira de se ver o mundo e as coisas.

Por fim, à Patrícia Brasil, minha mulher, mãe de Maria e minha companheira há 20 anos, pelo já verdadeiro painel de azulejos, de amor e permanente estímulo e confiança.

“Vive la France” !